



MOBILIDADE PENDULAR E ENSINO SUPERIOR: O CASO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – UEM

Gabriel Xavier Fernandes ¹
Jaqueline Telma Vercezi ²

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar os resultados da pesquisa que teve por finalidade investigar os motivos que incentivavam os graduandos do curso de Geografia da Universidade Estadual de Maringá – UEM, a realizarem os deslocamentos diários conhecidos como pendulares, procurando também esclarecer as consequências desse ato na vida acadêmica desses estudantes. Esses movimentos de ida e volta, entre residência e local de destino, são marcados por fatos e experiências, resultantes do efeito entre causa e consequência do ato de deslocar-se. Esses são fatores que permitem a melhor compreensão desse fluxo de pessoas. Para tal pesquisa trabalhou-se com a metodologia de coleta de dados, através de um questionário com perguntas dirigidas a esses alunos sobre o assunto e levantamentos bibliográficos que permitiram a compreensão dos conceitos voltados à mobilidade pendular. Como resultado desse estudo, emergiram reflexões a respeito do enfrentamento das consequências dos deslocamentos pendulares na vida dos universitários envolvidos nesse processo.

Palavras-chave: Movimentos pendulares, Ensino superior, Universitários.

RESUMEN

Este trabajo presenta los resultados de una investigación sobre las razones que motivan a los estudiantes de Geografía de la Universidad Estatal de Maringá – UEM, a realizar desplazamientos diarios conocidos como movilidad pendular, buscando además esclarecer las consecuencias de esta práctica en su vida académica. Estos viajes de ida y vuelta entre residencia y destino están marcados por hechos y experiencias derivados de la relación causa y efecto inherente al desplazamiento. Estos factores permiten una mejor comprensión de este flujo de personas. Para la recopilación de datos, se empleó un cuestionario dirigido a los estudiantes sobre el tema, así como una investigación bibliográfica que permitió comprender los conceptos relacionados con la movilidad pendular. Como resultado de este estudio, surgieron reflexiones sobre cómo afrontar las consecuencias de la movilidad pendular en la vida de los estudiantes universitarios involucrados en este proceso.

Palabras clave: Movimientos pendulares, Enseñanza superior, Universitarios.

INTRODUÇÃO

Estudar sobre os movimentos pendulares nos permite considerar que eles são caracterizados pelo fluxo diário de pessoas que realizam atividades de trabalho ou estudo fora

¹ Mestrando do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Londrina - UEL, gabriel.xavier.f@uel.br;

² Professora orientadora: Doutora pela Universidade Estadual de Maringá – UEM (2012) e professora adjunta do curso de Geografia da Universidade Estadual de Londrina - UEL, jaqvercezi@uel.br.



dos seus municípios de origem, sem que haja fixação de residência no local de destino (Geminiano Júnior, 2012, p. 17). Os estudos sobre esses deslocamentos evidenciam que os mesmos se fazem presentes na realidade de muitos estudantes por todo o país, pois centenas de universitários se locomovem todos os dias, saindo de seus municípios em busca de capacitação educacional em cidades vizinhas, sem fixarem residência em seu destino. Entretanto, conforme salienta Lima (2015), geralmente as pesquisas tem como foco a pendularidade de pessoas em busca de emprego, sendo poucos os trabalhos que têm por objetivo analisar os deslocamentos rotineiros com fins estudantis, principalmente no Ensino Superior.

Em meio a esse contexto, essa pesquisa, desenvolvida a partir de um trabalho de uma das disciplinas da pós-graduação, teve por objetivo realizar uma investigação sobre os movimentos pendulares exercidos pelos alunos do curso de Geografia da Universidade Estadual de Maringá - UEM, procurando esclarecer o porquê de sua ocorrência e o seu resultado no desempenho acadêmico desses universitários.

Tendo como base para a proposta dessa investigação, esse trabalho se fundamentou em estudos que tiveram por objetivo comum uma abordagem sobre os movimentos pendulares com propósitos estudantis. A exemplo disso, cita-se a pesquisa de Geminiano Júnior (2012), que buscou esclarecer as implicações da mobilidade pendular no processo de ensino aprendizagem dos estudantes do curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

Ademais, corroborando com a perspectiva desse autor, na presente pesquisa o fenômeno da mobilidade foi trabalhado sob a teoria do enfoque neomarxista. Nela, a mobilidade humana é estudada como um ato forçado pelas necessidades do capitalismo e não como uma simples vontade pessoal do migrante. De acordo com Póvoa Neto (1997), o capitalismo cria a necessidade dos deslocamentos à busca de trabalho e aqui podemos dizer que, por consequência, também pela busca do Ensino Superior, pois os processos de inserção do indivíduo no mercado de trabalho se mostram cada vez mais rigorosos, exigindo que ele tenha estudo qualificado para ocupar uma vaga de emprego.

METODOLOGIA

Esse estudo, do ponto de vista metodológico, se realizou em dois momentos. Quanto ao primeiro procedimento, houve uma revisão de literatura com o intuito de abordar os principais conceitos que envolvem a temática arrolada. Em um segundo momento, representado pela parte



empírica, foi realizada a coleta de dados, através da aplicação de um questionário³ via *Google Forms* aos estudantes do 1º ao 4º ano, deste curso da instituição, que realizavam esse deslocamento diário. O formulário, enviado por *e-mail*, continha questões que procuravam quantificar estatisticamente o número de alunos que residiam fora de Maringá, identificar os municípios de origem desses discentes, levantar os motivos que os mantinham nesse processo de ida e volta diária e também revelar as consequências da pendularidade em seu rendimento acadêmico.

REFERENCIAL TEÓRICO

Sabe-se que o ser humano tem a necessidade de mover-se pelo espaço em busca dos elementos necessários para sua sobrevivência desde o início de sua existência. Dessa maneira, considera-se que a mobilidade humana não é um fato recente e que, por acompanhar a humanidade ao decorrer de toda sua evolução, é um fenômeno que também se transformou e que se renova constantemente, motivando os indivíduos a se deslocarem de acordo com as exigências de seu tempo e lugar (Santos, 1998).

Assim sendo, cabe destacar que a forma com que a mobilidade humana é estudada pela Geografia também passou por algumas transformações. Diversos autores passaram a estudá-la e compreendê-la a partir de diferentes perspectivas e trancos teóricos, com o objetivo de responder as questões que se impunham, à medida que esses movimentos ganhavam notoriedade. Nesse sentido, Becker (1997) pontua que dois enfoques teóricos são a expressão dessas diferentes interpretações: o neoclássico e o neomarxista.

A perspectiva neoclássica foi vigente até os anos 1970, sendo uma visão predominantemente descritiva sobre os movimentos migratórios. Nos estudos tradicionais com esse enfoque, se dava ênfase às características pessoais dos migrantes e aos fatores condicionantes das migrações, chamados de fatores de atração e repulsão. Os fatores de repulsão seriam aquelas situações responsáveis pela insatisfação no local de origem do migrante, já os fatores de atração correspondem as características dos locais de destino que os tornam atrativos.

³ Ressalta-se que para iniciar o questionário, os estudantes autorizaram a participação na pesquisa a partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, que constava na primeira seção do formulário. No tocante à forma de levantamento de dados da pesquisa, a mesma foi autorizada pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UEM (COPEP), por meio da CAAE n. 67728723.9.0000.0104 e parecer n. 6.005.301.



Dessa forma, a visão neoclássica das migrações era baseada num foco determinista, pois o estudo do fenômeno migratório estava reduzido à identificação e quantificação dos indivíduos, das causas e efeitos. Ao considerar a migração de uma forma isolada essa concepção “[...] levava a um modelo redutivo da realidade onde a sociedade era considerada sob um enfoque individualizado [...]” (Becker, 1997, p. 332). O ato de deslocar-se era visto como decorrente apenas da decisão pessoal e impulsiva do indivíduo em busca de melhores condições de vida e não pressionada ou produzida por forças socioeconômicas externas a ele.

Por isso, a partir de meados dos anos 1970, o fenômeno migratório passa a ser reconsiderado sob o enfoque neomarxista e a mobilidade humana passou a ser estudada como um ato forçado pelas necessidades do capitalismo e não mais como uma vontade pessoal do indivíduo, centralizando essa perspectiva no conceito de “mobilidade do trabalho”.

De acordo com Póvoa Neto (1997), o capitalismo cria a necessidade dos deslocamentos à busca de trabalho e no caso dessa pesquisa pode-se dizer que, por consequência, também pela busca do ensino superior. Vê-se assim que, analisar esse fenômeno como uma simples escolha pessoal não permite a sua compreensão no todo, pois exclui todo o cenário por detrás desse processo.

Como pontuam Azevedo e Bezerra (2022), a mobilidade humana é resultante de um processo social condicionado às mudanças globais, mas que está sempre condicionado a uma mesma estrutura. Dessa forma, na escola neomarxista, entende-se que as desigualdades regionais, causadas pelo sistema capitalista, seriam o motor chave dos deslocamentos humanos.

Sendo assim, a escola neomarxista contribui para essa pesquisa ao demonstrar que os deslocamentos pendulares não são uma escolha livre ou neutra. Eles são a consequência de uma estrutura urbana desigual, produzida historicamente por relações de poder e interesses do capital, que resultaram na distribuição desigual das instituições de ensino superior pela rede urbana.

Observa-se então que esses deslocamentos são um ato que envolve fatores sociais e econômicos que o capitalismo impõe à população que se desloca diariamente, como a concentração de uma ampla rede de prestação de serviços nos municípios de médio e grande porte e as exigências de um mercado de trabalho cada vez mais competitivo.

No caso dos movimentos pendulares com fins estudantis, são fenômenos que, assim como outros deslocamentos, provocam mudanças no modo de vida das pessoas envolvidas nesse processo e não podem ser analisadas como simplesmente um ato de ir e vir entre local de residência e destino. Esse fluxo de pessoas ocorre por diversos motivos, mas que se resume atualmente na busca de estudo qualificado, já que os processos de inserção do indivíduo no



mercado de trabalho se mostram cada vez mais rigorosos, exigindo que ele esteja altamente capacitado para ocupar uma vaga de trabalho.

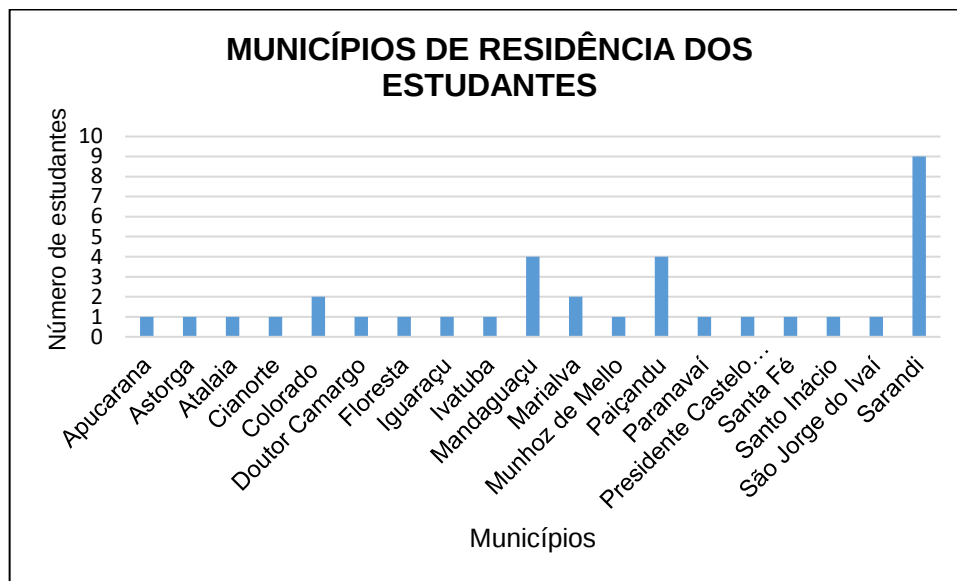
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com as respostas dos alunos procurou-se quantificar o número de estudantes do curso de Geografia da UEM que realizavam deslocamentos pendulares, assim como, quais eram os municípios de origem desses acadêmicos, o tipo de transporte utilizado para a locomoção, o tempo gasto no trajeto entre os municípios de residência e a universidade, o porquê de os alunos realizarem esse deslocamento, as dificuldades enfrentadas ao longo de seus percursos e como essas dificuldades afetavam os seus estudos. Por fim, a última questão solicitava aos alunos sugestões de medidas que poderiam ser tomadas pelo poder público, como formas de amenizar os impactos negativos da mobilidade pendular no desenvolvimento acadêmico desses estudantes.

No total, 35 estudantes que se enquadravam no perfil desse estudo cederam suas respostas ao questionário. De acordo com os dados coletados, a grande maioria desses estudantes eram provenientes de municípios que, majoritariamente, compõem a Região Imediata de Maringá, sendo eles: Astorga, Atalaia, Doutor Camargo, Floresta, Iguaçu, Ivatuba, Mandaguaçu, Marialva, Munhoz de Mello, Paçandu, Presidente Castelo Branco, Santa Fé, São Jorge do Ivaí e Sarandi. As únicas cidades apontadas como de origem de estudantes e que não são integrantes desse conjunto de municípios foram: Apucarana, Cianorte, Colorado, Paranavaí e Santo Inácio.

Já com relação ao número de estudantes que residiam em cada município, Sarandi detinha o maior número de estudantes que participaram desse estudo, totalizando 9 alunos, assim como ilustra o Gráfico 1. Em seguida aparecem Mandaguaçu e Paçandu, com 4 alunos residindo em cada município. Em sequência estão Colorado e Marialva, com 2 alunos cada. Por fim, todos os demais municípios apresentaram apenas 1 aluno.

Gráfico 1: Número de estudantes por município

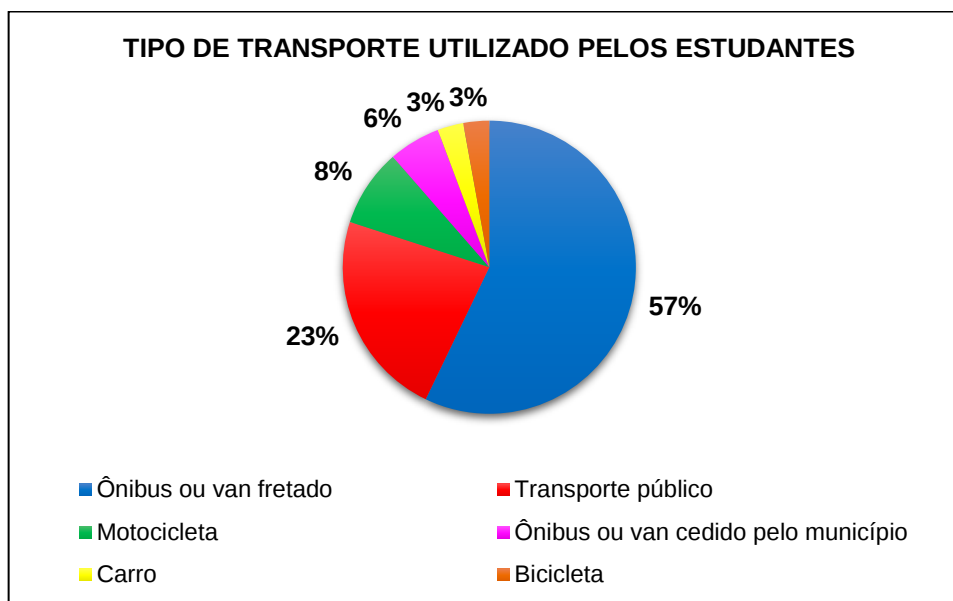


Elaboração: Os autores

Com relação ao tipo de transporte utilizado pelos estudantes, no trajeto entre suas residências e o campus sede da universidade, a maior parte desses discentes utilizavam ônibus ou vans fretados, sendo 57% do grupo, como evidencia o Gráfico 2, totalizando 20 alunos. Em segundo lugar, aparecem os alunos que utilizavam o transporte público, sendo 8 estudantes, o que equivale a 23% do total de respondentes do questionário.

Em terceiro lugar estão os discentes que utilizavam motocicleta para esse deslocamento, totalizando 3 alunos e correspondendo a 8% do total. Em seguida estão os acadêmicos que utilizavam ônibus ou van cedidos pelos municípios, apenas 2 alunos, que representam 6% do grupo. Por fim, em menor quantidade, estão os alunos que utilizavam carro e/ou bicicleta para esse deslocamento, sendo apenas 1 aluno para cada tipo de transporte, correspondendo a 3% em cada tipo.

Gráfico 2: Tipo de transporte utilizado pelos estudantes



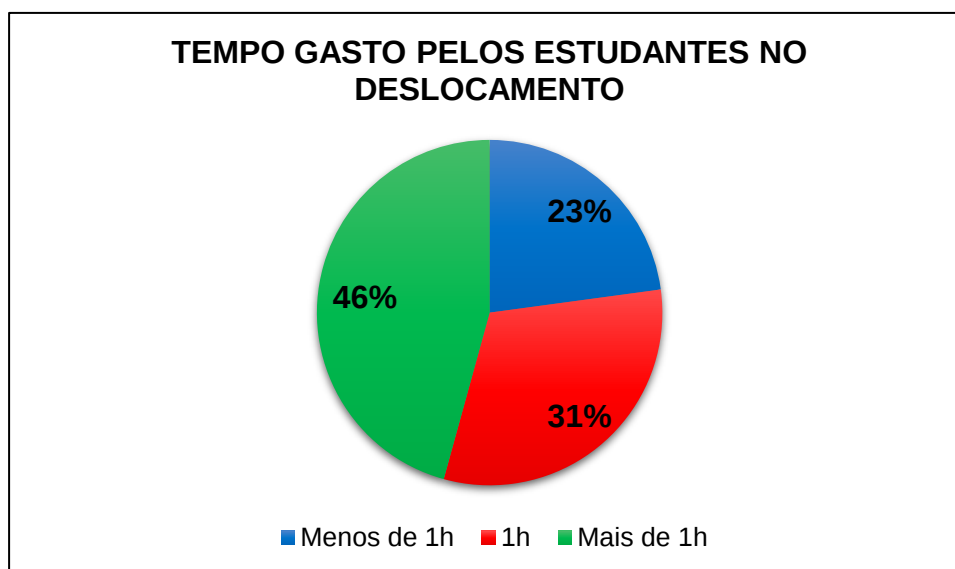
Elaboração: Os autores

Levando em conta a distância entre os municípios de residência dos estudantes e a universidade e o tipo de transporte utilizado nesse deslocamento, uma pergunta do questionário buscou levantar o tempo gasto nesse trajeto. Os discentes deveriam responder se a duração de seus deslocamentos eram de menos de 1h, 1h ou mais de 1h, sendo que essa duração era referente apenas ao trajeto de ida. Sendo assim, o percurso de ida e volta seria o dobro da duração desses horários.

Como apresenta o Gráfico 3, a maior parte dos discentes gastavam mais de 1h nesse percurso, sendo 16 estudantes, o que corresponde a 46% do total desses discentes. Em sequência estão os que gastavam até 1h nesse trajeto, totalizando 11 estudantes, o que representa 31% do grupo. Em último lugar, representando 23% dos discentes, estão os que gastavam menos de 1h nesse percurso. Dessa maneira, evidencia-se que grande parte desses acadêmicos destinavam 2h ou mais de seu dia apenas para realizarem o trajeto de ida e volta entre seus municípios e a universidade.



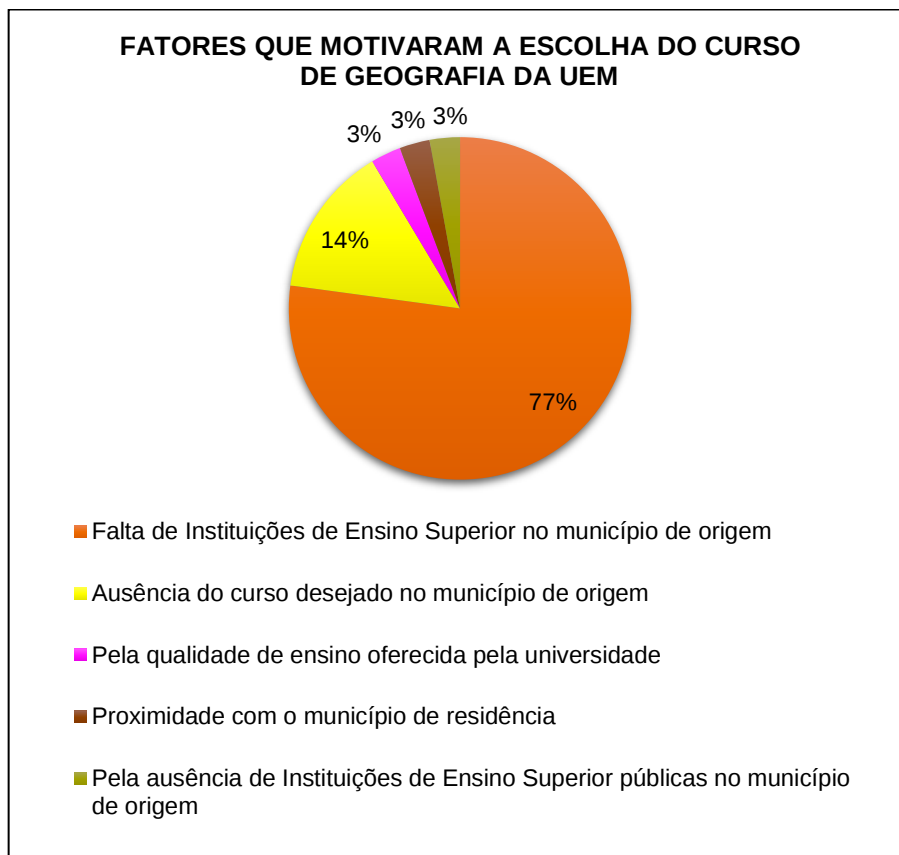
Gráfico 3: Tempo gasto pelos estudantes no deslocamento



Elaboração: Os autores

Levando em consideração os diferentes fatores que faziam com que tais discentes se deslocassem todos os dias, em uma das questões do formulário foi-lhes perguntado qual o motivo que os mantinham nesse processo. Sendo assim, o Gráfico 4 esclarece as causas apontadas por esses estudantes.

Gráfico 4: Fatores que motivaram a escolha do curso de geografia da UEM

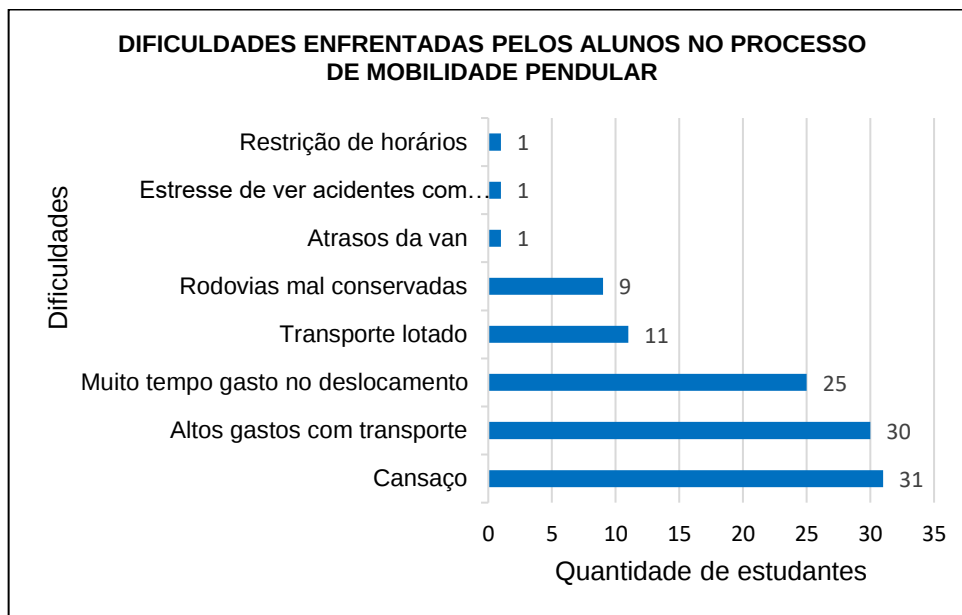


Elaboração: Os autores

Segundo Jardim (2011), os movimentos pendulares são um fenômeno muito complexo e estão associados, de forma direta e indireta, a um sistema de carências e necessidades relacionadas ao cotidiano da população. Esse motivo foi o que se verificou presente na realidade dos estudantes que participaram dessa pesquisa, pois o fator preponderante que motivou os alunos a escolherem o curso de Geografia da Universidade Estadual de Maringá e que os mantinha nesse processo de ida e volta diária era a falta de instituições de Ensino Superior, ou curso desejado, no município de residência dos estudantes, seguido pela qualidade de ensino oferecida pela UEM e a proximidade da mesma com os municípios de origem desses acadêmicos.

Evidenciou-se também quais eram as dificuldades enfrentadas por esses discentes ao longo do percurso entre suas residências e a universidade, o que fica esclarecido no Gráfico 5, elaborado com base nas respostas cedidas pelos estudantes em uma das questões, que procurou levantar os obstáculos enfrentados diariamente por esses universitários.

Gráfico 5: Dificuldades enfrentadas pelos alunos no processo de mobilidade pendular



Elaboração: Os autores

O cansaço físico e mental, decorrente da soma de todas essas dificuldades foi citada de forma quase que unânime; seguido pelos altos gastos mensais com transporte. Em sequência foram mencionados o tempo gasto no deslocamento, que, de acordo com as respostas cedidas, na maioria dos casos é de até ou maior que 1 hora; também foram apontados os transportes lotados, que são utilizados por uma parcela desses indivíduos; as rodovias mal conservadas; os atrasos de vans; o estresse de ver acidentes frequentemente e por fim a restrição de horários, pois em alguns turnos o horário de início e final da aula não são compatíveis com os horários dos ônibus do transporte público, questão que será vista ao decorrer desse trabalho.

Quando questionados, em uma pergunta discursiva, sobre como esses fatores afetavam seus estudos, as repostas dos graduandos se mostraram coincidentes em diversos aspectos. Muitos deles – 60% dos respondentes – afirmaram que, após horas passadas em vans e ônibus, o tempo gasto no deslocamento gerava cansaço e desânimo, o que acabava refletindo negativamente em seu rendimento acadêmico.

Também foi recorrente a menção de como tempo gasto durante o percurso impedia a realização de outras atividades no mesmo período, sendo 20% das respostas. Além disso, a falta de transporte ou um número maior de linhas e horários comprometia a participação nas aulas e em atividades extracurriculares. Os valores gastos também se mostraram como um fator negativo, pois as atividades no contraturno geravam despesas extras e outros alunos precisavam dobrar os esforços para custear o transporte.



Dessa forma, cabe destacar que todos esses motivos levavam ao desejo de abandono do curso, pois 14 alunos, dos 35 selecionados, expuseram que já pensaram na possibilidade de desistir da graduação por conta dessas dificuldades. Considerando o estudo de Wilhelm (2023), sobre a evasão dos cursos de licenciatura em Geografia das universidades estaduais do Paraná, um dos pontos discutidos na seguinte pesquisa merece destaque. De acordo com os dados levantados no referido trabalho, os discentes residentes em municípios distantes do campus sede, no momento da evasão, somavam 42% na UEM. Verifica-se dessa forma, a influência da distância na evasão do curso de licenciatura em Geografia, com base nos retornos dos evadidos que participaram dessa pesquisa.

Na última questão do formulário, foi solicitado aos discentes que eles sugerissem medidas, como ações tomadas pelo poder público, para a facilitação desse deslocamento e mitigação de suas consequências em seus estudos. Novamente as repostas dos discentes se mostraram coincidentes em alguns aspectos. A maioria dos discentes sugeriu que as prefeituras poderiam disponibilizar transporte gratuito ou ofertarem um passe estudantil, ajuda de custo, descontos ou isenção nas passagens de ônibus para estudantes. Outros alunos, sugeriram a inserção de mais linhas de ônibus no transporte público, em horários compatíveis com as aulas.

Também visando melhores condições de deslocamento, outros alunos sugeriram melhorias na infraestrutura das rodovias que interligam os municípios à Maringá, assim como alterações nas próprias vias urbanas da cidade, para que o trânsito fluísse melhor nos horários de pico, coincidentes com o horário de ida dos estudantes até à universidade. Em menor quantidade surgiram sugestões como: a moradia estudantil, a ampliação na variedade de cursos oferecidos nos demais campus da UEM, criação de associações municipais de estudantes, para a comunicação entre os universitários e prefeituras, entre outras medidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa pesquisa pôde-se observar que a mobilidade pendular não é apenas um deslocamento de pessoas, mas sim um processo que envolve diversos atores e fatores. Enfatiza-se então, que mais pesquisas precisam voltar seus olhares para essa temática, pois verificou-se que suas causas trazem consequências, muitas vezes negativas, para a vida das pessoas envolvidas em tal dinâmica.

Ressaltou-se com esse trabalho, que esses deslocamentos transformam não só as relações entre os indivíduos, criando locais de socialização, superação e vivência de experiências no interior de ônibus e vans, mas que molda também as próprias pessoas inseridas



nesse processo. Reiterando a citação de Martins de Freitas e Marques Braga (2020), seria difícil afirmar que as pessoas envolvidas nesse ato rotineiro poderiam terminar esses deslocamentos da mesma forma que iniciaram.

Como foi visto, a desistência da vida acadêmica é algo que permeia os pensamentos de universitários envolvidos nesse processo. Dessa forma, surge a necessidade da criação de medidas de incentivo e permanência de estudantes em instituições de Ensino Superior. Certamente, se alguma das sugestões indicadas pelos estudantes que participaram dessa pesquisa fossem atendidas, muitos benefícios seriam trazidos a eles e outros graduandos da instituição.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aurécio Cavalcante de; BEZERRA, Josué Alencar. Mobilidade espacial da população: pressupostos teórico-metodológicos. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, Blumenau, v.10, n. 1, p. 23-45, 2023. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/rbdr/article/view/8986>. Acesso em: 10 maio. 2025.

BECKER, Olga Maria Schild. Mobilidade Espacial da População: Conceitos, tipologias, contextos. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Explorações geográficas: percursos do fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p.279-318. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/288517894/Becker-Olga-Schild-Mobilidade-Espacial-Da-Populacao-Conceitos-Tipologia-Contextos-Pp-319-367#>. Acesso em: 14 de maio. de 2025.

GEMINIANO JÚNIOR, Jessé. **Um aporte da mobilidade pendular dos estudantes do curso de geografia da UEPB: implicações no processo de ensino-aprendizagem**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/2768>. Acesso em: 14 maio. 2025.

JARDIM, Antônio de Ponte. Reflexões sobre a mobilidade pendular. In: OLIVEIRA, Luiz Antônio Pinto de.; OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de (Org). **Estudos e Análises. Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. v. 1. p. 58-70. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49781.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2025.

LIMA, Willian de Mendonça. **Novas mobilidades, espaço de vida e desempenho escolar: o caso dos estudantes de ensino médio no município de Natal – RN**. 2015. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/server/api/core/bitstreams/3e5cbc12-1a6c-4699-8d49-29154a558d68/content>. Acesso em 08 ago. 2025.

MARTINS DE FREITAS, Isaurora Cláudia; MARQUES BRAGA, José Ricardo. Os universitários viajantes: suas práticas e sociabilidades. **O Público e o Privado**, Fortaleza, v. 11, n. 21, p. 91–110 jan./jun, 2020. Disponível em:



<https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/2602>. Acesso em: 2 maio. 2025.

PÓVOA NETO, Helion. Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual. Novos desafios para a análise. **Revista Experimental**, São Paulo, n. 2, p. 11-24, março/ 1997.

SANTOS, Regina Bega. **Migração no Brasil**. 3. Ed. São Paulo: Scipione, 1998.

WILHELM, Marilene Francieli. **A evasão dos cursos de licenciatura em Geografia das Universidades Estaduais do Paraná**. 2023. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2023.